

Continuar a trabalhar na minha especialidade

Dom. 13/1/85

— desejo do engenheiro químico Diogo Guilande, recentemente licenciado pela UEM

A primeira preocupação de um quadro é a sua ocupação profissional, de acordo com a aptidão técnica — esta a opinião de Diogo Eugénio Guilande, engenheiro químico moçambicano licenciado no mês passado pela Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo. Guilande, de 28 anos, apresentou para diploma um trabalho sobre a «optimização do sistema de pré-aquecimento do crude na PETROMOC», que o júri considerou de grande mérito, tendo-lhe atribuído uma média de 14 valores.

O nosso entrevistado é um jovem com ideias claras sobre a vida e as coisas, cheio de entusiasmo relativamente à profissão que abraçou. Ele é o 18.º engenheiro químico moçambicano licenciado pela UEM desde a Independência nacional e, portanto, um dos quadros técnicos com formação superior assim que se pode contar para o desenvolvimento do País. Aliás, esta capacidade dos nossos jovens de «utilizar com êxito» os conhecimentos científicos adquiridos no serviço da Nação foi um dos méritos reconhecidos igualmente ao engenheiro Guilande, durante a apreciação do trabalho de diploma.

Este trabalho baseou-se na análise do sistema de pré-aquecimento do crude na Empresa Nacional de Petróleos (PETROMOC), tendo o finalista desenvolvido um estudo científico que determina a necessidade de «optimizar o sistema para assegurar o aumento da quantidade de destilados e diminuir o consumo de combustível.

«Durante o processo de destilação do petróleo para a obtenção de vários derivados, aquele deve ser aquecido até uma certa temperatura, o que se faz através do aquecimento de um combustível previamente preparado, o fuel óleo ou o fuel gás», assim explica o engenheiro Guilande, a essência do seu estudo. Ainda de acordo com as suas palavras, o trabalho permite que, através da instalação de mais deste equipamento, se possa aumentar a temperatura com que o crude é aquecido pelo fuel, o que permite diminuir os consumos deste.

«A vantagem deste processo é obviamente a poupança de combustível e aumenta-se a temperatura de entrada do fuel no forno para reduzir os consumos desta. É possível através de equipamentos chamados «recoradores de calor». Segundo o nosso entrevistado, este equipamento é simples, bastante vulgar, mas deve ser melhorado.

«Se tivermos em conta as subidas do preço do crude, todos os engenheiros estão preocupados

nos seus projectos em economizar o máximo possível de energia, quer em novas unidades quer nas unidades já existentes. É sempre possível encontrar um processo que permita uma maior poupança», afirma ainda o engenheiro Guilande. Segundo ele, durante a

investigação que realizou na PETROMOC, de Março a Novembro do ano passado, estudou várias possibilidades de optimização do actual sistema de pré-aquecimento do crude, tendo chegado à conclusão de que o trabalho apresentado para diploma era a proposta «mais viável, tendo em conta a instalação existente».

«Mas, preveniu, o estudo que fiz diz respeito apenas a uma parte da refinaria. Há mais estudos a fazer para o melhoramento da PETROMOC, mas é claro, que a aplicação de quaisquer resultados depende da existência de crude, cuja obtenção é a prioridade de momento. O resto está em segundo lugar».

Sobre a escolha deste tema para trabalho de diploma o jovem engenheiro explica que ele foi proposto pela própria Universidade Eduardo Mondlane. «Geralmente são as empresas ou ministérios que têm estudantes seus no ensino superior que propõem os temas do seu interesse para o trabalho de diploma. Mas, no meu caso, como o Ministério da Defesa não tivesse tema

para ser explorado, foi a UEM que me definiu».

QUÍMICA: PAIXÃO ANTIGA

O engenheiro Guilande diz ter-se apaixonado pela química praticamente desde criança, e explica:

«Desde tenra idade, via a minha avó a destilar aguardente, a extrair óleo de mafurra e amendoim a preparar cereais, utilizando processos químicos. Também a vi preparar certos medicamentos tradicionais para curar asma, sarampo, epilepsia. Isto motivou-me de facto, embora nessa altura desconhecesse que se tratava de engenharia química... Na adolescência, ajudava o pai, que era caçador, a fundir o chumbo e a aumentar a quantidade de pólvora nos cartuchos, também actividades que o ajudaram mais tarde a gostar da especialidade.

Mas foi a influência do seu professor da disciplina de Química, no ensino secundário, quem mais viria a influenciar a sua carreira profissional, segundo conta o nosso entrevistado:

«Através de experiências de laboratório, o nosso professor Caldeiras, provocava reacções explosivas misturando soda com água e que despertavam interesse nos alunos da Escola Secundária Francisco Manyanga, no meu tempo. Além disso, ele falava-nos das suas experiências pessoais e das diversas possibilidades que a química dá



O eng.º Diogo Guilande

ao desenvolvimento da ciência e da técnica.

«O professor Caldeiras, conclui o engenheiro Guilande, foi a espelleta de um engenheiro químico formado desde a infância. O homem que me fez compreender o que era a química». Guilande natural de Xai-Xai, em Goza, fez os estudos primários até 1968 numa escola primária do distrito de Zavala, em Inhambane, onde os pais viviam, numa sala com cinco classes, para um único professor.

Depois de um ano sem estudar, prosseguiu o ensino secundário sucessivamente nas províncias de Manica, Sofala e, mais tarde, em Maputo. Depois do bacharelato, em 1980, voluntariou-se para o serviço militar.

Feita a recruta na província de Niassa, cumpriu tarefas especificamente militares em Nampula (ilha de Moçambique e Escola Militar), antes de ser transferido para Maputo, onde se encontra presentemente. É, pois, ainda como militar que consegue concluir as cadeiras de licenciatura, em 1983 e no ano passado, o trabalho de diploma.

«Gostaria de trabalhar numa área ligada às operações unitárias (processos físicos de destilação e transformação de calor) dentro ou fora da Defesa embora, neste caso, as possibilidades sejam, por encanto, remotas», diz em resposta a uma pergunta sobre as suas perspectivas de actividade profissional. Mas cabe ao Ministério da Defesa ponderar acerca da retenção de um quadro técnico que não pode por agora utilizar convenien-

temente dentro da sua área profissional. O investimento na formação de um quadro que o Estado faz deve ser reposto mediante trabalho concreto acrescenta.

Além de trabalhar, o engenheiro Guilande diz que também gosta de ensinar, particularmente aos adultos. «É uma actividade que considero estimulante, o meu «hobby».

Ensinar é uma espécie de desafio, porque então podemos compreender a diferença entre a ignorância e o conhecimento. É talvez, por questão de solidariedade com as pessoas, atendendo às dificuldades que eu próprio tive para me formar».

Desde 1974, que o nosso entrevistado tem vindo a leccionar, nas suas horas livres. Primeiramente foi professor do ensino primário, depois do secundário. Actualmente ensina Química aos adultos (cursos nocturnos) na Escola Secundária Josina Machel. Além disso, afirma gostar de literatura, tendo já escrito poesia, embora não publicada.

Sobre a passagem pela Universidade, recorda particularmente o seu envolvimento como estudante no 1.º Recenseamento Geral da População. Este trabalho demonstrou, segundo ele, que a Universidade é uma força que pode ser utilizada em qualquer altura com êxito, desde que se dê uma boa orientação aos estudantes. No recenseamento todos nós encaramos a nossa tarefa bastante a sério, talvez muito mais do que os próprios estógios académicos nas fábricas e empresas. ■



Durante a defesa do Trabalho de Diploma, na UEM